





Saúde com solidariedade

Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano expande atuação e é referência mundial

Aline Câmera e Renata Moehlecke

A maior e mais complexa rede de cooperação internacional político-estratégica para a redução da mortalidade infantil é fundamentada em um gesto simples: a doação de leite materno. Foi com base na força potencial desse espírito solidário que, em 1985, pesquisadores começaram a investir em um banco de leite humano (BLH) sediado no atual Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz). O trabalho de pesquisa e desenvolvimento tecnológico realizado no IFF fez com que a unidade se tornasse um centro de referência nacional, possibilitando que o projeto se expandisse para todos os estados. Fruto de uma ação integrada entre a Fiocruz e o Ministério da Saúde, hoje a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (rBLH-Br) é composta por 211 BLHs e 115 postos de coletas. A iniciativa não para por aí: a experiência brasileira também se tornou um modelo de referência mundial, servindo como base para a criação de um Programa Ibero-Americano de Bancos de Leite Humano (IberBLH). A cooperação internacional segue em crescimento: já chegam a 23 os países da América Latina, Europa e África que adotaram a tecnologia do BLH desenvolvida pelo Brasil.



“O banco de leite humano surgiu como uma estratégia de qualificação da assistência neonatal em termos de segurança alimentar e nutricional, com foco em ações que ajudam a reduzir a morbimortalidade infantil em instituições hospitalares. O trabalho é voltado para um seguimento muito específico: crianças que demandam cuidados especiais em unidades de terapia semi-intensiva e intensiva, ou seja, bebês que nasceram prematuros, com baixo peso, crianças que pelas mais variadas razões precisam de uma atenção especializada”, esclareceu o coordenador da rBLH-Br e da IberBLH, João Aprígio. “Além disso, a iniciativa também inclui uma forte política de apoio à amamentação: toda e qualquer mulher que tenha problemas ou dificuldades para amamentar pode procurar apoio nos bancos de leite humano”.

Em 2012, a rBLH-Br beneficiou cerca de 175 mil recém-nascidos internados em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) e atendeu quase 1,4 milhão de mulheres com algum tipo de dificuldade relacionada ao aleitamento. Em 2013, já são mais de 39 mil e 438 mil o número de crianças e mães assistidas, respectivamente. A dimensão do projeto também pode ser avaliada por seus resultados no que se refere à doação. Atualmente, são mais de 180 mil litros de leite humano coletados por ano no Brasil e nos países participantes do projeto de cooperação. Em 2013, já foram coletados mais de 32 mil litros em solo brasileiro. Para o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, é um orgulho enorme para a Fundação participar do programa de BLHs de expandir a rede para todo o Brasil e também para o cenário internacional. “A experiência da Rede BLH-BR agrega impactos para a saúde e envolve parcerias que só comprovam que, quando se tem vontade política e competência técnica, é possível melhorar a saúde da população em escala nacional e mundial”.

Todo o leite coletado passa por etapas de análise imunológicas e microbiológicas. Contudo, o trabalho nos bancos de leite humano não se restringe a pesquisa básica, mas une esforços no que

se trata da aplicação clínica ou da vida cotidiana dos pacientes. “No IFF, logo percebemos que não adiantava focar só na questão do leite, era preciso uma intervenção mais direta, observando o aleitamento em um contexto mais ampliado de saúde pública: a saúde da criança começa com a saúde da mulher”, explicou Aprígio. “Passamos, assim, a colocar como condição obrigatória para o funcionamento das unidades a atenção à mãe. É sempre preciso criar uma estrutura de amparo: quando a criança for para casa, ela precisará mamar no peito e, se é criado um suporte para a mãe antes mesmo disso, na maior parte dos casos, isso se torna possível”.

A experiência brasileira

Na Fiocruz, desde o início, o trabalho de pesquisa no banco de leite humano foi pautado no investimento em tecnologia moderada e de baixo custo, mas sensíveis o suficiente para assegurar um padrão de qualidade reconhecido internacionalmente. “Em um movimento quase natural começamos a juntar pesquisa acadêmica e serviço e o IFF se tornou um espaço de desenvolvimento de soluções voltadas para o melhor auxílio ao campo da atenção neonatal no Sistema Único de Saúde”, comentou Aprígio. “O exemplo mais emblemático que temos de uma dessas soluções tecnológicas de baixo custo são os frascos para o condicionamento de leite. Em 1985, os frascos utilizados eram feitos de silicone por dentro e tinham que ser importados, o que gerava um custo muito alto. Quando começamos a procurar alternativas para esse uso, descobrimos que frascos recicláveis de maionese ou café solúvel não apresentavam diferenças significativas em termos imunológicos ou microbiológicos. Isso possibilitou uma redução de custos de cerca de 85%”.

Aprígio esclarece que, no que se trata de melhorias relativas ao controle de qualidade na coleta, no processamento e na distribuição do leite humano, o investimento tem sido grande: nos

cinco congressos realizados pela rBLH-Br, foram contabilizados 860 trabalhos voltados para suprir necessidades encontradas no Sistema Único de Saúde (SUS), também ligadas à proteção, promoção e apoio ao aleitamento. “Com o tempo, em cada localidade que conta com um banco de leite humano, aprendemos a lidar com as particularidades e com as políticas regionais, adaptando o modelo dentro de um plano nacional de qualidade. Agora, nossa maior preocupação na consolidação da rede tem relação com a qualidade da assistência prestada: em 2012, todos os bancos de leite que são referências estaduais foram certificados. Em 2013, queremos dar continuidade ao credenciamento dos demais”, afirma o coordenador.

Para ele, todo esse crescimento nacional só se tornou possível devido ao apoio do Ministério da Saúde, que adotou a amamentação como estratégia de segurança alimentar e investiu em pesquisa e desenvolvimento tecnológico na área. “Foi por ser considerada estratégica e ter recebido investimentos que a rBLH-Br pôde se desenvolver ao ponto de ser considerada um paradigma internacional”, observa Aprígio. Para o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, há um elemento crucial para o sucesso do trabalho que é desenvolvido. “Um dos diferenciais da rBLH-Br é o fato de estar organizada não somente por tecnologias e conhecimentos, mas por pessoas extremamente engajadas na causa da diminuição da mortalidade infantil, para qual a amamentação e a garantia do fornecimento de leite humano de qualidade a recém-nascidos de alto risco são de relevância fundamental”, afirma.

Expansão internacional

Desde 2000, a rBLH-Br já opera com aderência direta aos objetivos traçados pela Organização das Nações Unidas (ONU) no que se refere ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, particular-

mente para a redução da mortalidade infantil e melhoria da atenção à saúde das gestantes. Em 2001, o esforço efetuado já apresentou reconhecimento com o Prêmio Sasakawa de Saúde concedido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que indicava o melhor projeto de saúde pública com inegável impacto positivo de suas ações. O processo de ampliação da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano para o continente americano foi, assim, o passo lógico seguinte, que teve início em 2003 com o apoio da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas). O principal objetivo era efetivar cooperações que permitissem a difusão da informação científica e tecnológica para outros países latino-americanos. "Com a ajuda da Organização Mundial da Saúde, em 2005, conseguimos realizar o primeiro fórum de cooperação internacional com a participação de 13 países, incluindo os Estados Unidos e a Inglaterra, e cerca de 2.500 profissionais", relata João Aprígio. Em 2007, o cenário de cooperação cresceu ainda mais com a formação do Programa Ibero-americano de Bancos de Leite Humano, que agora conta com a participação da Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

"Com a ajuda do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, conseguimos unir esforços com outros países para a construção de uma rede forte e pautada em qualidade", aponta Aprígio, também coordenador da IberBLH. "É válido ressaltar que visamos uma cooperação baseada não apenas em transferência de tecnologia, mas de princípios: a rede é uma estratégia de qualificação técnica e ambiental em termos de segurança alimentar e nutricional fundamentalmente voltada para auxiliar os países a atingir as metas dos objetivos do milênio, particularmente no que diz respeito à redução da mortalidade infantil com ênfase no componente neonatal. Não importa se o banco está na África, na América, na Guatemala, El Salvador, Espanha ou Portugal: a metodologia de controle de qualidade praticada é a mesma

► Banco de leite humano do Instituto Fernandes Figueira



em qualquer banco de leite da rede seja no Brasil e nos países parceiros”.

Aprígio ainda ressaltava que a troca de experiências com os outros países tem sido muito rica. “O aprendizado proporcionado pela parceria com a Colômbia, por exemplo, trouxe ao Brasil o método canguru, que pode ser oferecido ao recém-nascido prematuro de baixo peso e sua família. Nele, o bebê fica em contato direto com a mãe, aconchegado em seu peito”, explica o pesquisador. “Já são mais de 20 anos de cooperações construídas. Os ganhos para todos os envolvidos são numerosos, já que é muito gratificante o trabalho realizado: quando vemos que um bebê recém-nascido, que não tinha condições imunológicas de sobreviver sem o auxílio do banco de leite humano, está cuidado e já consegue absorver e digerir nutrientes sozinho, com uma mãe igualmente amparada, podemos constatar que todo o empenho para a consolidação e manutenção de uma rede de qualidade vale muito a pena”.

Dia Mundial de Doação de Leite Humano

Em ação inédita pelo incentivo à doação de leite humano e contra a mortalidade infantil, o Brasil e outras 23 nações da América Latina, Caribe, Península Ibérica e África tem se mobilizado pela criação do Dia Mundial de Doação de Leite Humano, a ser comemorado em 19 de maio. A data simboliza a união de esforços para a salvaguarda da vida de milhões de crianças, em todo o mundo. A iniciativa é coordenada pelos ministérios da Saúde dos países que integram a Rede Internacional de Bancos de Leite Humano, pelo IFF/Fiocruz, pela Opas e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

A data foi definida durante o 5º Congresso Brasileiro de Bancos de Leite Humano e no 1º Fórum de Cooperação Internacional em Bancos de Leite Humano, realizados de 28 a 30 de se-

tembro de 2010, em Brasília, quando foi elaborada a *Carta de Brasília*, documento assinado por representantes dos 24 países integrantes da rede. Seja pelos benefícios diretos que tal iniciativa gera para a saúde infantil, seja pelo o que representa esta união de esforços entre nações, em favor de uma causa tão nobre, a criação do Dia Mundial de Doação de Leite Humano está se tornando uma realidade, a partir de campanhas individuais realizadas com o objetivo de unificar a data. Em maio de 2012, o Rio de Janeiro assumiu posição de vanguarda ao aprovar a lei que cria a Semana Estadual de Doação de Leite Humano.

Na ocasião, o IFF foi duplamente homenageado: além da moção honorosa dedicada ao centro de referência, o instituto foi agraciado com a Medalha Tiradentes, mais alta condecoração concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. “Tenho certeza de que este projeto será o ponto de partida para a construção de uma mobilização nacional, para resgatar, junto à sociedade, a cultura da ama-

► Em 2013, já são mais de 39 mil e 438 mil o número de crianças e mães assistidas, respectivamente



mentação. Diante do cenário de crise que se passa pelo mundo, com bancos quebrando, a nossa rede de bancos nunca vai quebrar. O trabalho feito pelo IFF é de extrema importância, mas, sem as doadoras, nada disso seria possível. Dedicamos esta homenagem a elas”, afirmou, na ocasião, o diretor do IFF, Carlos Maciel.

De fato, a exemplo do Rio, diversos outros estados, entre eles Ceará, Santa Catarina e Goiás, além do Distrito Federal, concentraram esforços em prol da mobilização. Por sua trajetória a favor da amamentação, a atriz Maria Paula esteve a frente da iniciativa, representando o coletivo de mulheres que, de forma solidária, doam leite materno para recém-nascidos que dele dependem como fator de sobrevivência. “Minha história de luta pelo aleitamento materno começou em 2004. Durante esse tempo, eu acompanhei a importância do trabalho realizado pela rBLH-Br e decidi abraçar essa mobilização em prol do Dia Mundial de Doação de Leite Humano”, declarou a atriz. Grande militante da promoção ao aleitamento, Maria Paula estrelou a campanha lançada pelo Ministério da Saúde no final do ano passado, ao lado do seu filho Felipe e de Julia Victória, que recebeu o leite doado pela atriz no período em que esteve internada do IFF. “Presenciar o abraço sincero do meu filho biológico com a irmãzinha dele de leite, como ele mesmo fala, foi lindo. Perceber que, efetivamente, eu contribuí na salvaguarda da vida de um bebê que hoje está com quatro anos e saudável é uma sensação indescritível”, ressaltou.

Em junho do mesmo ano, durante reunião realizada na Argentina, o Conselho do Mercado Comum do Mercosul aprovou o documento que criou o Dia da Doação Voluntária, Gratuita e Altruísta de Doação de Leite Humano. Por considerar que as ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento são essenciais tanto para o desenvolvimento a curto, médio e longo prazo na saúde de toda a população, quanto para a diminuição da morbimortalidade infantil, os Estados Partes do conselho defenderam a cau-



► A princesa Mary (no alto, à direita), a atriz Maria Paula e mães que são funcionárias no IFF em evento de promoção de doação de leite materno

sa. A exemplo do Mercosul, meses depois, a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), formada por 12 países, oficializou a criação da data.

A mobilização também está sendo levada para a Europa por intermédio da Associação Europeia de BLH. Em setembro de 2012, a princesa Mary, da Dinamarca, reservou parte de sua agenda no Brasil para conhecer o trabalho desenvolvido pelo Cen-

tro de Referência Nacional e Iberoamericano de Bancos de Leite Humano. Durante a visita ao IFF, a princesa teve a oportunidade de interagir com gestantes, mães de prematuros receptores de leite humano, doadoras e nutrizas que buscam apoio para amamentar diretamente seus filhos. As etapas do processamento e da pasteurização do leite humano também foram incluídas no roteiro.


Por que e como doar

Para dar continuidade ao processo de incentivo à doação voluntária, no Brasil, na mesma linha do último ano, em 2013, o Ministério da Saúde colocou novamente em cena o binômio doador e receptor. Desta vez, a campanha retrata a história de dona Ilza Pereira, que há 42 anos, ao doar seu leite excedente, contribuiu para

salvar a vida de João Marcelo Bôscolli, produtor musical, filho de Elis Regina.

A campanha tem o objetivo de mobilizar mulheres em todo o Brasil para o ato da doação de leite humano. O leite doado aos bancos de leite humano ou postos de coleta de todo o país passa por um processo de seleção, classificação e pasteurização até que esteja pronto para ser distribuído com qualidade certificada a bebês prematuros e/ou de baixo peso internados em unidades de terapia intensiva neonatais. Todas as mulheres em fase de amamentação e

que produzam um volume de leite que excede a necessidade de seu filho podem doar. As lactantes também devem ser saudáveis e não podem fazer uso de medicamentos que impeçam a doação.

“Quando você está amamentando seu filho e ainda alimenta outros bebês que estão precisando, o prazer é dobrado, triplicado, multiplicado por mil”, enfatiza a atriz Maria Paula. Para saber como doar leite humano ou esclarecer dúvidas sobre amamentação, consulte o site www.redeblh.fiocruz.br ou ligue gratuitamente para 0800 026 8877. 



► Nos grupos de gestantes é possível tirar as principais dúvidas sobre o aleitamento

O cotidiano no IFF

De portas abertas para apoiar, proteger e promover a amamentação, o BLH do IFF/Fiocruz recebe em média mil mães por mês, que vem tanto da rede privada, quanto da pública ansiosas por auxílio técnico e emocional. Já no corredor é possível ouvir o chorinho dos pequenos. Muitos chegam a perder peso em função da dificuldade da pega.

A médica obstetra Ana Carolina Abi-Ramia, defensora do aleitamento exclusivo se deparou com um grande obstáculo logo nos primeiros dias de vida do seu primogênito. “Sempre achei que amamentar era uma questão que estava intimamente ligada à maternidade e que pra mim seria algo natural. Eu sempre tive a orientação teórica da pega e a maior boa vontade do mundo, mas na prática as dificuldades foram imensas. Eu passei por um momento de frustração muito grande e por isso busquei auxílio do banco de leite humano”, declara.

No IFF, Ana Carolina encontrou apoio emocional e foi orientada em relação a técnicas de relactação. “O Luciano estava com dificuldade na pega e por isso a sucção não era adequada e ele começou a perder peso. Para retornar ao aleitamento exclusivo nós propomos à mãe essa técnica em que o bebê recebe leite da sonda junto com o peito. Aos poucos a sonda é retirada e a criança se acostuma apenas com o peito”, explica a enfermeira do BLH Elaine

Cristina. Ao final do atendimento, o sorriso de alívio da mãe dizia tudo: Luciano havia mamado até ficar saciado.

A conscientização da importância do leite materno exclusivo até os 6 meses de idade e a continuidade como alimento complementar até os 2 anos ou mais começa ainda no pré-natal. Durante os grupos de gestantes é possível tirar as principais dúvidas das futuras mamães, além de desmistificar crenças antigas que possam contribuir para o desmame precoce. Um mito muito frequente está relacionado aos gêmeos. A mãe pode amamentar dois ao mesmo tempo? A resposta é sim. Amamentar dois não só é possível, como também recomendável.

Essa lição Monique Lopes aprendeu direitinho: “A equipe me recebeu como se fosse minha própria família. Eu tenho leite suficiente para alimentar os dois e a prova disso é que eles estão aqui saudáveis. Aqui no BLH eu aprendi que basta estimular a produção do leite que dá certo”. Já a jovem Thainá Barbosa não só está amamentando seus dois bebês como se tornou doadora. Para ela, o gesto é uma forma de agradecimento. “Quando os meus filhos nasceram, eles ficaram na UTI Neo e receberam leite doado. Graças a esse leite eles estão evoluindo bem e hoje estamos na Unidade Canguru. Como tenho muito leite, estou retribuindo e doando o excedente para poder salvar outras crianças”, conclui Thainá.

Uma experiência exitosa na África

Danielle Monteiro



implantação dos Bancos de Leite Humano não se limita ao território iberoamericano. Em 2011, a iniciativa foi levada a Cabo Verde, na África, com a missão de contribuir para a melhoria da qualidade da atenção à saúde da mulher e da criança e reduzir o índice de mortalidade infantil naquele país. Com o apoio do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e da Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores (ABC), o projeto foi implantado no Hospital Central da Praia Agostinho Neto, tornando-se o primeiro banco de leite humano do continente.

Para o coordenador da Rede de Bancos de Leite Humano, João Aprígio (IFF/Fiocruz), a iniciativa representa um marco para a saúde da criança em Cabo Verde, país que ainda apresenta uma alta taxa de mortalidade infantil. “Os bancos de leite humano se voltam para um segmento muito específico, que são, particularmente, crianças que demandam cuidados de unidades de terapia neonatal intensiva e semi-intensiva: bebês prematuros, de baixo peso, que por variadas razões precisam de uma atenção de terceiro nível mais especializado”, destaca. O apoio ao país é dado não somente para a implantação do BLH, mas também na estruturação de uma política nacional pró-aleitamento materno. “Se o país não tiver essa política, auxiliamos na estruturação e, se tiver, ajudamos na revisão. Não buscamos a transferência de tecnologia, mas sim de princípios, para que qualquer país tenha flexibilidade de adaptá-los às suas realidades”, explica.

Com pouco mais de um ano de funcionamento, a iniciativa já mostrou benefícios. Os resultados referentes tanto à produção de leite materno quanto ao número de crianças e mulheres atendidas foram positivos e já provocaram impacto em Cabo Verde, conforme revela Aprígio: “Avaliamos uma redução de 50% da mortalidade das crianças internadas no hospital”. A ideia é dar continuidade à ação levando a experiência a outros hospitais daquele país. “Vamos implantar um BLH na cidade de Mindelo, no Hospital Dr. Batista de Souza, que deve começar a funcionar no segundo semestre deste ano”, afirma.

A cooperação internacional com a África para a implantação de BLHs não para por aí. Em 2010, foi firmado um acordo entre o Brasil e Moçambique para o funcionamento de um BLH no Hospital Geral de Maputo. O projeto de construção civil para a implantação do banco de leite foi entregue ao Ministério da Saúde de Moçambique em fevereiro desse ano. O BLH deve começar a funcionar em, no máximo, seis meses após a entrega da obra. Além do fortalecimento de ações de atenção à saúde materna e neonatal e de promoção da saúde infantil e do adolescente, o projeto inclui a aquisição de equipamentos, transferência de tecnologia, capacitação de profissionais e a criação de uma Biblioteca Temática de Saúde Materno-Infantil e do Adolescente. “Também será construído um centro de lactação, que servirá como reforço para um componente de atenção primária de aleitamento”, acrescenta Aprígio.

Outro país a receber o BLH será Angola, onde o projeto já está pronto, aguardando apenas trâmites diplomáticos. “Já fizemos todos os estudos de viabilidade e as partes técnicas e de



► Moçambique, Angola, Cabo Verde e África do Sul são países com os quais o IFF tem parceria

política pública de saúde estão de acordo”, afirma Aprígio. Para a concretização da experiência nos três países, será investido o total de US\$ 341 mil, por parte da ABC, e US\$ 177 mil, pela Fiocruz. Os bancos de leite serão ampliados ainda a outros países do continente, entre eles, a África do Sul, onde já foi feito um estudo de verificação *in loco* para que a experiência seja aplicada de acordo com a realidade da região. “A África do Sul já tem iniciativas de coleta e distribuição de bancos com alguns aportes do modelo inglês. O projeto foi elaborado, eles nos visitaram no Rio de Janeiro e o acordo encontra-se em fase de assinatura”, adianta Aprígio.

Os desafios para a efetivação do projeto nos países africanos são numerosos, tanto de ordem cultural quanto geopolítica e econômica, conforme narra Aprígio. Porém, para ele, nenhum é capaz de impedir o funcionamento dos BLHs nessas regiões, nem mesmo o tabu de que as mães dificilmente irão doar leite para outras crianças ou aceitar que seus filhos o recebam de outras mulheres. “A mãe, ao ver o filho de outra em uma UTI neonatal, se solidariza e não vê o menor problema em doar. Em Cabo Verde, por exemplo, não houve esforço por parte do governo na procura por mulheres, aconteceu naturalmente. Esses movimentos se dão em ordem crescente”, conclui. 🌟